



Alexandra Oliva

SOBREVIVE

Ela queria uma aventura.
Nunca imaginou até onde podia chegar.

TOP
SEL
LER

0

O primeiro da equipa de produção a morrer será o editor. Ainda não se sente doente, e já não está no terreno. Saiu uma única vez, antes do início das filmagens, para conhecer os bosques e cumprimentar os homens cujas imagens iria editar; contágio assintomático. Já voltou há mais de uma semana e agora está sozinho no estúdio de edição, sentindo-se de perfeita saúde. A sua t-shirt diz: CAFÉ ENTRA, GÊNIO SAI. Prime uma tecla e as imagens piscam no ecrã de 32 polegadas que domina a sua mesa de trabalho atravancada.

Os créditos de abertura. Um *flash* de folhas, carvalho e ácer, seguido da imagem de uma mulher que, na candidatura, descreveu apropriadamente a sua tez como «*mocha*». Tem olhos negros e seios grandes que mal cabem no top desportivo, cor de laranja. O seu cabelo é uma massa de apertadas espirais pretas, todas elas dispostas na perfeição. Em seguida, montanhas panorâmicas, uma das glórias do nordeste da nação, verdes e vibrantes no pino do verão. Depois um coelho, a postos para correr, e, coxeando através de um campo, um jovem branco de cabeça rapada que

brilha como acetato ao sol. Um *close-up* deste mesmo homem, de aparência severa e juvenil, com penetrantes olhos azuis. Em seguida, uma mulher pequenina, de ascendência coreana, com uma saia de xadrez azul e um joelho por terra. Segura uma faca e olha para o chão. Por trás dela, um homem alto e calvo, com pele de pantera negra e barba de uma semana. A câmara aproxima-se. A mulher está a esfolar um coelho. Segue-se outra imagem fixa. O homem de pele escura, mas agora sem barba. Os seus olhos castanho-escuros enfrentam a câmara serenamente e com confiança, um olhar que diz *tenciono ganhar*.

Um rio. A face cinzenta de um penhasco salpicada de líqüenes — e outro homem branco, este com um selvagem cabelo ruivo. Está agarrado ao penhasco, o centro da imagem manipulado de modo a que a corda que o segura se esbata na rocha, como uma faixa polida cor de salmão.

A próxima imagem é de uma mulher de pele e cabelos claros, os olhos verdes brilhando atrás de óculos quadrados com aros castanhos. O editor detém-se nesta imagem. Há algo no sorriso desta mulher e na forma como ela olha à distância, ao lado da câmara, que lhe agrada. Parece mais genuína do que os outros. Talvez apenas finja melhor mas, ainda assim, ele gosta disso, gosta dela, porque ele também sabe fingir. A equipa de produção começou a filmar há dez dias e esta mulher é a que ele identificou como «Favorita dos Fãs». A loura amante de animais, a estudante ávida. A mulher que aprende depressa e tem a gargalhada fácil. Tantos ângulos por onde escolher — se ao menos a escolha fosse só sua.

A porta do estúdio abre-se e entra um homem branco e alto. O editor empertiga-se na sua cadeira enquanto o produtor se debruça sobre o seu ombro.

— Onde é que tens a Zoo agora? — pergunta o produtor.

— Depois do Batedor — responde o editor. — Antes do Rancheiro.

O produtor acena pensativamente e afasta-se um passo. Usa uma camisa azul engomada, uma gravata amarela às pintas

e calças de ganga. O editor tem a pele tão clara como a do produtor, mas a sua escurece com o sol. A sua ascendência é complicada. Desde criança, nunca soube muito bem em que etnia se posicionar; no último censo, escolhera branco.

— E o Força Aérea? Adicionaste uma bandeira? — pergunta o produtor.

O editor gira na sua cadeira. Iluminado pela luz do ecrã do computador, o seu cabelo preto brilha como uma auréola denticulada.

— Falavas a sério em relação a isso?

— Completamente — diz o produtor. — E quem tens em último?

— Ainda a Carpinteira, mas...

— Não podes acabar com ela agora.

Mas é nisso que estou a trabalhar foi o que o editor esteve quase a responder. Desde ontem que adia a reorganização dos créditos de abertura, e ainda tem de terminar a Final da Semana. Tem um longo dia à sua frente.

E uma longa noite, também. Aborrecido, volta-se para o ecrã.

— Estava a pensar no Banqueiro ou no Doutor Negro.

— O Banqueiro — diz o produtor. — Confia em mim. — Faz uma pausa antes de perguntar: — Viste os cliques de ontem?

Três episódios por semana, quase nenhum tempo para edição. Quase podiam estar a transmitir em direto. *É insustentável*, pensa o editor.

— Só a primeira meia hora.

O produtor ri-se. Sob o brilho do computador, os seus dentes direitos refletem amarelo.

— Encontrámos ouro — diz ele. — A Empregada de Mesa, a Zoo, e, *hum...* — Estala os dedos, tentando lembrar-se. — O Rancheiro. Não concluem a prova a tempo e a Empregada de Mesa perde a cabeça quando veem o — simula aspas com os dedos — «corpo». Desata a chorar e a hiperventilar, e a Zoo passou-se.

O editor mexe-se nervosamente na cadeira.

— Desistiu? — pergunta.

A decepção aquece-lhe o rosto. Estava ansioso por editar a sua vitória ou, mais provavelmente, a sua graciosa derrota na Final. Porque não lhe parece que ela tenha hipóteses de superar o Batedor; o tornozelo torcido do Força Aérea joga contra ele, mas o Batedor é tão equilibrado, tão conhecedor, tão forte, que parece destinado a vencer. É missão do editor fazer com que a sua vitória pareça um pouco menos inevitável, e planeava usar a Zoo como ferramenta fundamental para esse fim. Gosta de editar os dois juntos, criando arte a partir do contraste.

— Não, não desistiu — responde o produtor. Aperta o ombro do editor. — Mas foi *mazinha*.

O editor olha a imagem doce da Zoo, a bondade naqueles olhos verdes. Não lhe agrada aquela viragem nos acontecimentos. Não encaixa.

— Gritou com a Empregada de Mesa — continua o produtor. — Disse-lhe que perderam por causa dela. Esse género de merdas. É fantástico. Quer dizer, ela pediu desculpa no minuto seguinte mas, mesmo assim. Vais ver.

Até o melhor de nós se pode descontrolar, pensa o editor. Aliás, é essa a ideia subjacente ao programa — levar os concorrentes a descontrolarem-se. Embora aos 12 selecionados se tivesse dito que era um jogo de sobrevivência. Que era uma corrida. Tudo verdade, mas, até o título que lhes tinham dito era um engano. Sujeito a alteração, como dizia nas letras pequenas. O título afinal não é *Os Bosques*, mas *Nas Trevas*.

— Seja como for, precisamos dos créditos atualizados ao meio-dia — pede o produtor.

— Eu sei — responde o editor.

— Ótimo, só queria confirmar.

O produtor simula uma pistola com os dedos e finge dar um tiro no editor, depois vira-se para sair. Detém-se, acenando afirmativamente para o monitor. O ecrã escureceu para o modo de poupança de energia, mas o rosto da Zoo ainda é visível, embora esbatido.

— Olha para ela a sorrir — constata ele. — Coitadinha, não fazia ideia no que se estava a meter.

Ri-se, o som baixo algures entre a piedade e a alegria, depois sai para o corredor.

O editor vira-se para o ecrã. Agita o rato, iluminando o rosto sorridente da Zoo, e volta ao trabalho. Quando termina os créditos de abertura, a letargia instalou-se-lhe nos ossos. A primeira tosse chegará quando estiver a terminar a Final da Semana, na manhã seguinte. Ao final da tarde, ele tornar-se-á um dado estatístico precoce, um ponto destacado antes da explosão. Os especialistas esforçar-se-ão por compreender, mas não terão tempo. Seja o que for, a coisa demora-se antes de atacar. Apresenta-se como um mero passageiro e, de repente, está atrás do volante, apontando a toda a velocidade para um penhasco. Muitos dos especialistas já estão infetados.

O produtor também morrerá, dentro de cinco dias. Estará sozinho, na sua casa de 1200 metros quadrados, fraco e abandonado. Nos últimos momentos de vida, lambeá inconscientemente o sangue que lhe escorre do nariz, porque terá a língua muito seca. Nessa altura, os três episódios da semana de estreia terão ido para o ar, o último deles uma deliciosa trégua em relação às notícias de última hora. Mas continuam a filmar, emboscados na região que foi a primeira e mais intensamente atingida. A equipa de produção tenta tirar dali toda a gente, mas os concorrentes estão dispersos, em Desafios a Solo. Existem planos de contingência, mas não para isto. É uma espiral, como as desenhadas naquele jogo para crianças: uma caneta sobre o papel, orientada pela régua de plástico. Um padrão — depois muda-se um milímetro a posição da régua e — loucura. A incompetência e o pânico colidem. As boas intenções cedem lugar à autopreservação. Ninguém sabe bem o que aconteceu, em pequena ou grande escala. Ninguém sabe exatamente o que correu mal. Mas, antes de morrer, o produtor saberá pelo menos isto: *Algo correu mal.*

1

A porta da pequena mercearia pende da moldura, partida e torta. Entro cautelosamente, sabendo que não sou a primeira a procurar sustento aqui. Logo à entrada, há uma caixa de ovos virada ao contrário. As entranhas sulfurosas de uma dúzia de *Humpty Dumpty*s cobrem o chão, impossíveis de voltar a juntar. O resto da loja não teve muito mais sorte do que os ovos. As prateleiras estão quase vazias e vários expositores foram virados. Reparo na câmara instalada num canto do teto sem estabelecer contacto visual com a lente e, quando avanço, sou atingida por um fedor terrível. Cheiro os vegetais podres, os laticínios estragados dentro dos frigoríficos abertos e sem electricidade. Sinto ainda outro cheiro, que me esforço por ignorar enquanto inicio a minha busca.

Entre dois corredores, um saco de tiras de milho espalhou-se no chão. Um pé reduziu quase toda a pilha a migalhas. Um grande pé, com tacão pronunciado. Uma bota de trabalho, julgo eu. Pertence a um dos homens — não ao Cooper, que afirma não usar botas há anos. Talvez ao Julio. Acocoro-me e pego numa tira

de milho. Se estiver dura, saberei que ele esteve aqui recentemente. Aperto-a entre os dedos. Está mole. Isso não me diz nada.

Penso em comer a tira. Não como nada desde a cabana, ainda antes de adoecer, e isso foi há dias, talvez há uma semana, não sei. Tenho tanta fome que já nem a sinto. Tenho tanta fome que não controlo bem as pernas. Continuo a surpreender-me ao tropeçar em pedras e raízes. Vejo-as e tento passar-lhes por cima. Acho que estou a passar por cima, mas depois os meus dedos prendem-se nelas e tropeço.

Penso na câmara, no meu marido a ver-me arrebanhar tiras de milho do chão de uma mercearia de aldeia. Não vale a pena. Devem ter-me deixado mais qualquer coisa. Deixo cair a tira de milho e ponho-me de pé. O movimento põe-me tonta. Paro, recuperando o equilíbrio, depois dirijo-me às prateleiras dos vegetais. Dúzias de bananas podres e esferas castanhas mirradas — maçãs? — assistem à minha passagem. Agora que conheço a fome, irrita-me que tenham desperdiçado tanta comida só para criar ambiente.

Finalmente, um brilho sob uma prateleira do fundo. Ponho-me de gatas; a bússola pendurada num cordão em volta do meu pescoço tomba e bate no chão. Acomodo a bússola entre a camisa e o sutiã desportivo, reparando que o pontinho de tinta azul-clara, no fundo, já está quase apagado. Estou tão cansada que tenho de recordar a mim própria que isso não importa; significa apenas que o estagiário a quem atribuíram a tarefa dispunha de tinta barata. Baixo-me mais. Debaixo das prateleiras está um frasco de manteiga de amendoim. Uma pequena racha começa debaixo da tampa e desaparece sob a etiqueta, mesmo por cima do O de orgânico. Deslizo o dedo sobre a marca no vidro mas não sinto a fissura. Claro que me deixaram manteiga de amendoim. Odeio manteiga de amendoim. Guardo o frasco na mochila.

Os frigoríficos verticais da loja estão vazios, à parte algumas latas de cerveja, em que não toco. Esperava encontrar água. Uma das minhas *Nalgènes* está vazia e a outra oscila na minha ilharga, cheia até um quarto. Talvez alguns dos outros tenham chegado

aqui antes de mim; lembraram-se de ferver *toda* a sua água e não perderam dias a vomitar sozinhos nos bosques. Quem quer que tenha deixado aquela pegada — o Julio ou o Elliot ou aquele miúdo *nerd* asiático de cujo nome não me lembro — arrebatou os produtos de qualidade, e isto é o resultado de ser o último: um frasco de manteiga de amendoim rachado.

A única área da loja que ainda não investiguei fica atrás da caixa registadora. Sei o que me espera aí. O cheiro que não admito sentir: carne estragada e excrementos de animal, um traço de formaldeído. O cheiro que eles me pretendem fazer crer que é de morte humana.

Tapo o nariz com a camisa e aproximo-me da caixa. O manequim está exatamente onde eu esperava, de cara para cima, estendido no chão atrás do balcão. Vestiram-no com uma camisa de flanela e calças de camuflado. Tapando o nariz com a camisa, passo para trás do balcão e por cima do adereço. O movimento faz debandar um enxame de moscas que parte a zumbir na minha direção. Sinto-lhes as patas, as asas, as antenas, a fazerem-me cócegas na pele. O meu pulso acelera e a minha respiração sobe, embaciando-me a parte inferior dos óculos.

Somente mais um desafio. Nada mais que isso.

Vejo um saco de sortido de *trail mix*¹ no chão. Pego-lho e recuo, através das moscas, por cima do adereço. Saio pela porta partida e torta, que zomba da minha saída como se aplaudisse.

— Vai-te foder — sussurro, com as mãos nos joelhos e os olhos fechados. Terão de censurar isto, mas que se fodam também. Dizer palavrões não vai contra as regras.

Sinto o vento, mas não o cheiro do bosque. O único cheiro que sinto é o fedor do adereço. O primeiro não cheirava tão mal, mas era recente. Este e o outro que encontrei na cabana devem simular ser mais antigos, julgo eu. Assoo grosseiramente o nariz

¹ Sortido de frutos secos, granola e frequentemente também drageias de chocolate tipo *M&Ms* que normalmente se leva para campismo ou caminhadas. [N. da E.]

de encontro ao vento, mas sei que serão precisas horas para que o cheiro se desvaneça. Enquanto isso não acontecer, não posso comer, por mais que o meu corpo precise de calorias. Preciso de avançar, de me distanciar um pouco deste sítio. De encontrar água. É o que digo a mim própria, mas o pensamento que não me sai da cabeça é outro — a cabana e o segundo adereço. O boneco embrulhado em azul. Esta parte do primeiro Desafio Verdadeiro tornou-se uma memória gelatinosa que tinge constantemente a minha consciência.

Não penses nisso, digo a mim mesma. A ordem é inútil. Por mais alguns minutos, ouço o choro do boneco no vento. E então — *basta* — abro a mochila preta e guardo o saco de sortido de frutos. Ponho a mochila às costas e limpo os óculos à bainha de microfibras da t-shirt de mangas compridas que uso por baixo do blusão.

Depois faço o que tenho feito praticamente todos os dias desde que o *Wallaby* partiu: caminho e procuro Pistas. *Wallaby*, porque nenhum dos operadores de câmara nos diz o seu nome e as suas aparições ao início da manhã me recordaram uma viagem de campismo na Austrália, há alguns anos. No meu segundo dia, acordei num parque nacional à beira da baía de Jervis e dei com um canguru pequeno, cinzento-acastanhado, sentado na relva a fitar-me. Não mais de um metro e meio entre ambos. Eu tinha dormido com as lentes de contacto e tinha comichão nos olhos, mas conseguia distinguir claramente uma lista de pêlo claro na bochecha do animal. Era lindo. O olhar que recebi em troca do meu fascínio parecia apreciativo e imponente, mas também completamente impessoal: a lente de uma câmara.

Claro que a analogia é imperfeita. O *Wallaby* humano é muito menos bonito que o marsupial, e um campista vizinho a acordar e a gritar «Canguru!» não o faz fugir aos saltos. Mas o *Wallaby* era sempre o primeiro a chegar, o primeiro a dirigir a câmara ao meu rosto sem dizer bom-dia. E quando nos deixaram sozinhos no acampamento de grupo foi ele que reapareceu, apenas o tempo suficiente para registar os depoimentos. Confiável como o nascer

do Sol até ao terceiro dia deste Desafio a Solo, em que o Sol se levantou sem ele, atravessou sem ele o céu e sem ele se pôs — e eu pensei, *Isto tinha de acabar por acontecer*. O contrato dizia que estaríamos sozinhos por longos períodos, supervisionados à distância. Eu estava preparada para isto, e até o aguardava com alguma vontade — ser observada e julgada com discrição, em vez de abertamente. Agora ficaria entusiasmadíssima se ouvisse os passos pesados do *Wallaby* através dos bosques.

Estou tão farta de estar sozinha.

A tarde de fim de verão escoá-se. Os sons à minha volta formam camadas: o arrastar dos meus passos, o batuque de um pica-pau próximo, o sussurro do vento a agitar as folhas. Esporadicamente, outro pássaro junta-se, o seu pio um suave *chip chip chip chipi chip*. O pica-pau foi fácil, mas não identifico este segundo pássaro. Distraio-me da minha sede imaginando o género de ave que corresponde a este canto. Pequeninha, penso. De cores vivas. Imagino uma ave que não existe: menor que o meu punho, asas amarelo-vivo, cabeça e cauda azuis, um padrão de brasas incandescentes no papo. Seria o macho, claro. A fêmea ostentaria um castanho sem brilho, como costuma acontecer nos pássaros.

A canção do pássaro incandescente soa uma última vez, à distância, e o conjunto musical fica mais fraco pela sua ausência. A minha sede volta, tão forte. Posso sentir nas têmeoras o aperto causado pela desidratação. Seguro a minha garrafa *Nalgene* quase vazia, sinto a sua leveza e o tecido duro do lenço azul amarrado à tampa. Sei que o meu corpo pode permanecer alguns dias sem água, mas não aguento a secura da minha boca. Dou um gole cuidadoso, depois passo a língua pelos lábios para aproveitar a humidade. Sinto o sabor de sangue. Levanto a mão; a base do meu polegar vem manchada de vermelho. Ao ver isto, apalpo a racha no meu lábio superior gretado. Não sei há quanto tempo a tenho.

A água é a minha prioridade. Creio que estou a caminhar há horas. A minha sombra é agora muito mais longa do que quando

saí da loja. Passei por algumas casas, mas mais nenhuma loja, nem nada assinalado com azul. Ainda sinto o cheiro do adereço.

Enquanto caminho, tento pisar os joelhos da minha sombra. É impossível, mas distrai-me. Distrai-me tanto que só vejo a caixa do correio quando já quase a ultrapassei. Tem a forma de uma truta e o número da porta está enfeitado com escamas de madeira de todas as cores. Ao lado da caixa de correio começa um longo carreiro de entrada, que zigzagueia entre carvalhos brancos e um vidoeiro ocasional. Não consigo ver a casa que existe, certamente, no final do carreiro.

Não quero ir. Não entro numa casa desde que um punhado de balões azul-celeste me conduziu a uma cabana cujo interior era azul, tão azul. Lusco-fusco e um ursinho de peluche, a vigiar.

Não consigo fazer isto.

Precisas de água. Eles não usariam o mesmo truque duas vezes.

Começo a subir o carreiro. Os meus passos são pesados e estou sempre a tropeçar. A minha sombra está à minha direita, aumentando e saltando de tronco em tronco enquanto passo, veloz e desastrada.

Não tardo a ver uma gigantesca casa ao estilo Tudor, extremamente necessitada de uma nova camada da sua tinta esbranquiçada. A casa afunda-se num relvado descuidado, o género de edifício que, em criança, teria feito de conta que era assombrado. Um jipe vermelho está estacionado à porta, impedindo-me de a ver. Depois de andar tanto tempo a pé, o carro parece-me uma entidade de outro mundo. Eles disseram que não podíamos conduzir e o carro não é azul, mas está aqui e isso deve significar alguma coisa. Caminho lentamente na direção do veículo e, conseqüentemente, da casa. Talvez eles tenham deixado um depósito de água na parte de trás do carro. Assim não terei de entrar na casa. O carro está salpicado de lama seca, o padrão insistindo na anterior liquidez da substância. Mesmo seco, não é poeira, mas sim lama. Parece um teste de mancha de tinta, mas não distingo quaisquer formas.

Chip chip chip, ouço. Chipi chipi.

O meu pássaro incandescente voltou. Inclino a cabeça para calcular a direção da ave e, ao fazê-lo, apercebo-me de outro som: o marulhar suave de água corrente. Sou inundada pelo alívio; não tenho de ir lá dentro. A caixa de correio era só para me conduzir até ao ribeiro. Devia tê-lo ouvido sem ajuda, mas estou tão cansada e sedenta! Precisei que o pássaro me ajudasse a mudar o foco da visão para o ouvido. Viro-me e sigo o som da água corrente. O pássaro volta a chamar e eu mexo os lábios para dizer *Obrigada*. Dói-me o lábio rachado.

Enquanto recuo na direção do ribeiro, penso na minha mãe. Ela também pensará que eu estava destinada a encontrar a caixa do correio mas, para ela, a mão que me guiou não foi a de um produtor. Imagino-a sentada na sua sala de estar, envolta numa névoa de fumo de cigarro. Imagino-a a assistir, interpretando cada um dos meus sucessos como uma confirmação e cada um dos meus desapontamentos como uma lição. Apropriando-se das minhas experiências para si própria, como sempre fez. Porque eu não existiria sem ela e, para ela, isso sempre foi suficiente.

Penso também no meu pai, na pastelaria que fica na porta ao lado de casa, cativando turistas com amostras grátis e sabedoria popular enquanto tenta esquecer a sua mulher de há 31 anos a tresandar a tabaco. Pergunto-me se ele também me vê.

Então avisto o regato, minúsculo e belíssimo, a leste do caminho. Concentro aí a minha atenção e as minhas entranhas revolvem-se de alívio. Anseio por unir as mãos em concha e levar a água fria aos lábios. Em vez disso, termino o líquido da garrafa — talvez meia chávena. Talvez devesse tê-lo bebido mais cedo; já houve quem morresse de desidratação enquanto poupava água. Mas isso é em climas mais quentes, o género de sítio em que o sol arranca a pele a uma pessoa. Não aqui.

Depois de beber, sigo o regato a jusante, procurando avistar quaisquer detritos preocupantes, como animais mortos. Não quero adoecer outra vez. Ando cerca de dez minutos, afastando-me cada vez mais da casa. Não tardeo a encontrar uma clareira com uma enorme árvore caída num extremo, a cerca de seis

metros da água, e entrego-me ao hábito de limpar um círculo de terreno e recolher lenha. Organizo o que recolho em quatro pilhas. Mais à esquerda, tudo o que seja mais fino que um lápis; mais à direita, tudo o que for mais grosso que o meu pulso. Quando tenho suficiente para algumas horas, apanho algumas espirais secas de cortiça de vidoeiro, desfaço-as em acendalhas e coloco-as sobre um pedaço de cortiça sólido.

Desprendo um mosquetão da presilha do cinto na minha anca esquerda. O meu acendedor desliza pelo metal até à minha mão, que está queimada do sol e crestada de sujidade. O acendedor parece-se um pouco com uma chave e uma USB entrelaçadas juntas num cordão cor de laranja; foi o que pensei quando entrou na minha posse, através de uma combinação de habilidade e sorte após o primeiro Desafio. Foi no Dia Um, quando eu conseguia sempre avistar a câmara e era tudo empolgante, mesmo as partes aborrecidas.

Depois de algumas tentativas rápidas, as acendalhas começam a fumegar. Com cuidado, coloco-as na mão e sopro, provocando mais fumo e, finalmente, chamas minúsculas. Volto a fixar rapidamente o acendedor na presilha do cinto e depois, com as duas mãos, coloco as acendalhas no centro da clareira. Acrescento mais acendalhas e as chamas crescem, o fumo saturando-me as narinas. Alimento as chamas, primeiro com os ramos mais pequenos, depois com os maiores. Dentro de minutos a fogueira está cheia, forte, embora provavelmente não cause uma grande impressão na câmara. As chamas não ultrapassam os 30 centímetros de altura, mas não preciso de mais — não preciso de uma fogueira de sinalização, somente de calor.

Tiro da mochila a minha chávena de aço inoxidável. Está amolgada e ligeiramente queimada, mas continua sólida. Depois de a encher de água, coloco-a perto do lume. Enquanto espero que a água aqueça obrigo-me a comer um pouco de manteiga de amendoim. Depois de não comer durante tanto tempo, pensei que até o alimento mais desagradável me soubesse como ambrósia, mas é nojenta, espessa e salgada, e agarra-se-me ao

céu da boca. Arranco a pasta pegajosa com a minha língua seca, achando que devo parecer ridícula como um cão. Na candidatura, devia ter inventado uma alergia; assim eles teriam de me deixar outra coisa qualquer. Ou, se calhar, não tinha sido selecionada. O meu cérebro está demasiado tolhido para considerar as implicações de não ter sido escolhida, onde estaria neste momento.

Finalmente, a água ferve. Concedo aos micróbios alguns minutos para morrerem, depois uso a manga andrajosa do meu blusão como pega e tiro a chávena das chamas. Assim que as bolhinhas esmorecem, verto a água fervida numa das minhas *Nalgènes*, enchendo-a até um terço.

À segunda vez, aquece mais depressa. Ponho a água na *Nalgene* e, após uma terceira ronda de fervura, a garrafa está cheia. Enrosco a tampa e enterro a garrafa no fundo lamacento do riacho, para que a água fria passe sobre o plástico quase até ao bordo. O lenço azul estende-se ao sabor da corrente. Quando encho a segunda garrafa, a primeira está quase fria. Encho a chávena e ponho-a a ferver outra vez, depois bebo cerca de 1 decilitro da garrafa arrefecida, lavando os resíduos de manteiga de amendoim da boca. Espero alguns minutos, bebo mais 1 decilitro. Nestes goles curtos e espaçados, acabo a garrafa. A chávena está outra vez a ferver e sinto as membranas do meu cérebro a reidratarem. A minha dor de cabeça passa. Todo este trabalho era, provavelmente, desnecessário; o ribeiro é límpido e rápido. A água deve ser segura, mas já apostei nisso uma vez e perdi.

Verto a última porção de água na garrafa, lembro-me de que ainda não construí um abrigo, e no céu há nuvens de chuva. A luz a desvanecer-se informa-me de que não tenho muito tempo. Ponho-me de pé, estremecendo com a rigidez das minhas ancas. Apanho cinco ramos pesados no bosque e encosto-os ao lado sotavento da árvore tombada, do mais longo para o mais curto, criando uma moldura triangular com largura suficiente para eu entrar. Tiro da mochila um saco do lixo preto — um presente de despedida do Tyler, inesperado mas apreciado — e estico-o sobre a estrutura. Enquanto recolho braçadas de folhas mortas

e as empilho sobre o saco de plástico, penso nas prioridades da sobrevivência.

As regras de três. Uma atitude incorreta pode matar-te em três segundos, a asfixia pode matar-te em três minutos, o frio em três horas; a desidratação em três dias e a fome em três semanas — ou serão três meses? Seja como for, a fome é a menor das minhas preocupações. Por mais fraca que me sinta, ainda não passou tanto tempo desde a última vez que comi. Seis ou sete dias, quando muito. Quanto ao frio, ainda que chova esta noite não estará frio suficiente para me matar. Mesmo sem abrigo, ficaria molhada e infeliz, mas dificilmente em perigo.

Mas não quero estar molhada e infeliz e, por muito extravagante que seja o orçamento do programa, não podem ter colocado câmaras dentro de um abrigo que não existia antes de eu o construir. Continuo a recolher braçadas de folhas e estremeço quando uma aranha-lobo do tamanho de uma moeda de 25 cêntimos me sobe pela manga. O movimento rápido faz com que a minha cabeça se sinta demasiado leve, parcialmente separada do corpo. A aranha agarra-se ao meu bíceps. Dou-lhe um piparote com a outra mão e vejo-a pousar nas folhas ao lado da cabana. Corre lá para baixo e não me preocupo muito; são só ligeiramente venenosas. Continuo a recolher folhas e galhos e não tardo a ter uma camada de 30 centímetros por cima da cabana e uma maior ainda lá dentro, a fazer de colchão.

Coloco alguns ramos caídos com folhas oblíquas em cima da estrutura, para a estabilizar, e quando me viro reparo que a fogueira já está quase apagada. Estou completamente des-sincronizada esta noite. *Por causa da casa*, penso. Ainda estou assustada. Enquanto parto pauzinhos para alimentar as brasas, relanceio o meu abrigo. É baixo, um desmazelo de galhos espetados de todos os lados e em todos os ângulos. Lembro-me de como costumava construir os meus abrigos lenta e cuidadosamente. Queria que ficassem tão bonitos como os do Cooper e da Amy. Agora só me importa a funcionalidade, embora, verdade seja dita, as cabanas de ramos pareçam todas iguais — exceto

aquela grande que construímos juntos antes de a Amy partir. Era uma beleza, coberta com ramos entrelaçados como colmo e suficientemente grande para todos, apesar de o Randy ter dormido sozinho lá fora.

Bebo mais alguns decilitros de água e sento-me ao lado da minha fogueira ressuscitada. O Sol desapareceu e a Lua está tímida. As chamas oscilam, uma mancha na minha lente direita confere-lhes um brilho estelar.

Mais uma noite que passarei sozinha.

2

O primeiro episódio abre com uma imagem do Batedor à beira de um rio. Está vestido de preto e a sua pele é escura, do tom de terra lavrada. Passou anos a cultivar a aura de grande gato e agora transmite sem esforço uma sensação felina de poder e graciosidade. Tem uma expressão tranquila, mas os seus olhos observam a água com intensidade, como se procurasse algo na corrente. Há uma ligeira curvatura na sua posição, que levará os espetadores a pensarem que está prestes a saltar — sobre o quê? — e então ele pisca os olhos para o céu e, de repente, parece igualmente provável que apenas procure um sítio para dormir uma sesta ao sol.

O Batedor está a considerar as suas opções: atravessar aqui ou procurar um local melhor, rio acima. Ele tem confiança na sua capacidade para saltar de pedra em pedra através dos seis metros de largura do rio, que é rápido mas não é profundo, mas há uma rocha que o inquieta. Pensa vê-la mover-se com a força da corrente. O Batedor não gosta de se molhar, embora admire os poderes transformadores da água. É com admiração que sorri.

Os espetadores projetarão a sua justificação pessoal sobre este sorriso. Os que não gostam do Batedor por motivos raciais ou de atitude — não conhecem nada dele além da sua imagem naquele momento, pelo que só não gostarão dele por preconceito — acharão que é arrogância. Um produtor particularmente estridente, ao ver esta imagem, pensará com alegria: *Ele parece maléfico.*

O Batedor não é maléfico, e a sua confiança é bem merecida. Já superou desafios muito mais ameaçadores do que um rápido de águas superficiais, e muito mais naturais do que aquele que o aguarda do outro lado do rio: o primeiro Desafio Construído.

É também do outro lado do rio que encontrará pela primeira vez os outros onze concorrentes. Ele sabe que será exigido trabalho de equipa, mas não quer pensar nos outros a não ser como adversários. Foi precisamente isso que afirmou num depoimento prévio à competição, em que disse várias outras coisas; porém, sendo o concorrente mais forte, não permitirão que os seus motivos inspirem simpatia. O *porquê* do Batedor é cortado e o clipe inserido na imagem mostrá-lo-á, de olhos duros, diante de uma parede branca, dizendo apenas: «Não estou aqui pela experiência, estou aqui para ganhar».

A sua estratégia é simples: ser melhor que os outros.

O Batedor demora-se; a câmara viaja sobre a corrente impetuosa e os ramos folhosos até ao sítio onde a Empregada de Mesa fita uma bússola. Esta veste calças de ioga pretas e um sutiã de desporto verde-fluorescente, contrastando com o cabelo ruivo que lhe cai em caracóis soltos até abaixo dos ombros. Usa o lenço violeta atado ao pescoço, como um cachecol. Tem um metro e oitenta e é delgada. A sua cintura é minúscula — «É fantástico que as tripas lhe caibam lá dentro», desdenhará um *troll* online. Tem o rosto comprido e pálido, a tez amaciada por uma espessa camada de base SPF-20. A sombra dos olhos combina com o sutiã, e brilha.

A Empregada de Mesa não tem de atravessar o rio, só precisa de usar a bússola para encontrar o caminho para sudoeste

através do bosque. Isso, para ela, é um desafio, e a imagem transmite-o bem: está de pé, com o rosto emoldurado pelos caracóis, girando e examinando o instrumento desconhecido. Morde o lábio inferior, em parte por estar confusa, em parte por pensar que fica *sexy*.

— O norte é a ponta branca ou a vermelha? — pergunta.

Tinham-lhe dito que pensasse em voz alta, e ela assim fará. Muitas vezes.

O segredo da Empregada de Mesa, que não será revelado aos espetadores, é que ela não se inscreveu no programa. Foi recrutada. Os responsáveis queriam uma mulher atraente mas essencialmente imprestável, de preferência ruiva, porque já tinham selecionado duas morenas e uma loura — não loura platinada, mas bastante loura, o tipo de cabelo que se iluminaria com o sol. Sim, pensaram eles; uma ruiva bonita para completar o elenco.

— Pois — diz a Empregada de Mesa. — A ponta vermelha é mais aguçada. Tem de ser o norte. — Descreve um círculo, mordendo novamente o lábio. O ponteiro indica o *N*. — E eu tenho de ir para... sudeste. — E apesar de os ponteiros da bússola estarem devidamente identificados diante dela, recita em voz monótona, — «Nunca Leias Sem Óculos».

Começa a andar para sul, depois murmura outra vez a mnemónica e vira-se para a direita. Após alguns passos, detém-se.

— Espera aí — diz. Olha para a bússola, deixa o ponteiro parar, vira à esquerda. Finalmente, vai na direção correta. Dá um risinho e diz: — Não é assim tão difícil.

A Empregada de Mesa sabe que tem poucas probabilidades de ganhar, mas não foi para isso que veio. Veio para impressionar — os produtores, os espetadores, seja quem for. Sim, ela serve às mesas a tempo inteiro num restaurante de *tapas*, mas protagonizou um anúncio de doces quando tinha seis anos e considera-se em primeiro lugar atriz, em segundo, modelo e, em terceiro, empregada de mesa. Caminhando entre o arvoredo, tem um pensamento que não verbaliza: esta vai ser a sua grande oportunidade.

De volta ao rio, onde o Batedor decide que a pedra é um risco menor, e que o obstáculo conhecido é preferível ao desconhecido. Salta. O editor vai passar as imagens lentamente, como se estivessem num documentário sobre a natureza e o Batedor fosse mesmo o grande felino que ele, secretamente, julga ter habitado numa vida anterior. Os espetadores verão o comprimento e a força das suas passadas. Verão — alguns já o terão notado, mas um *close-up* exigirá a atenção dos restantes — o seu calçado estranho mas identificável, o logótipo amarelo como um grito de cor a meio do pé, em contraste com a extensão negra do seu corpo. Verão os dedos separados agarrar-se à pedra. Notarão o seu equilíbrio e velocidade, o controlo que tem sobre o movimento, e alguns deles pensarão, *Tenho de comprar um par de sapatos destes*. Mas o calçado do Batedor é apenas um acessório ao seu controlo, elegantemente transmitido ao saltar de pedra em pedra sobre a água agitada. O seu corpo parece mais longo em movimento do que imóvel, e também nisso ele é como um gato.

A planta do seu pé direito aterra na pedra instável, que oscila para a frente. É um momento decisivo. Se ele cair, tornar-se-á uma personagem. Se avançar sem hesitação, será outra. O *casting* já terminou, mas não oficialmente.

O Batedor estende o braço para se equilibrar — revelando um lenço vermelho usado como pulseira em volta do pulso direito — e vive um raro momento menos gracioso: vacila. Então segue o movimento da pedra e avança para o sólido apoio seguinte. Segundos mais tarde, está do outro lado, respirando com um esforço moderado, seco desde o crânio rapado aos sapatos de dedos separados, seco em todo o corpo, à parte uma ligeira humidade nas axilas, que os espetadores não conseguem ver. Ajusta as alças da mochila preta lustrosa, quase vazia, e avança para a floresta, em direção ao Desafio.

O momento em que vacilou será retirado na edição das imagens. A imagem a passar do Batedor é a de inatacável, imparável.

Entretanto, a Empregada de Mesa tropeça numa raiz à superfície e deixa cair a bússola. Dobra-se pela cintura para a recuperar

e a gravidade permite-lhe mostrar as curvas dos seios — exatamente como ela pretendia.

Dois extremos de um espetro convergem.

Entre estes extremos, o Rancheiro usa um chapéu de cowboy que parece quase tão curtido como a sua cara enrugada com a barba por fazer, e caminha com facilidade pelos bosques. Usa o seu lenço preto e amarelo à verdadeira maneira dos cowboys, em torno do pescoço, pronto a ser puxado para cima da boca e do nariz caso haja uma tempestade de areia. Está a um milhar e meio de quilómetros do seu Appaloosa sarapintado, mas esporas de montar sobressaem-lhe dos tacões forrados a couro. As esporas são para ficar bem nas câmaras, oferecidas ao Rancheiro pelo produtor no local. Ao aceitá-las, o Rancheiro gira uma na mão. Um gume rombo, mas um gume, mesmo assim. Podem vir a ser úteis, pensou. Também lhe deram um poncho às riscas, mas ele recusou. «Que vem a seguir?», perguntara. «Vão querer que ande por aí com uma pilha de tortilhas de milho e um *chili pepper*?»

Os antepassados do Rancheiro foram outrora categorizados como mestiços e fortemente desdenhados pelos poderes estabelecidos. O seu avô atravessou a fronteira durante a noite e arranjou trabalho a varrer esterco e a ordenhar vacas num rancho familiar. Anos mais tarde, casaria com a filha do patrão, que herdaria o negócio. O seu filho de pele clara casaria com uma costureira morena da Cidade do México. A pele do Rancheiro é daquele tom ligeiramente tostado que resulta dessas uniões. Tem 57 anos, e o seu cabelo desgrenhado, até ao queixo, é tão pronunciadamente preto e branco como as suas crenças acerca do bem e do mal.

Não existem obstáculos entre o Rancheiro e o Desafio. A competência — ou a sua falta — não é a característica que o define. O que o define é aquela passada orgulhosa de cowboy que as imagens mostram. A sua personagem fica estabelecida em segundos.

A Miúda Asiática é mais difícil de catalogar. Veste calças de caqui e uma camisa de xadrez azul. O seu cabelo comprido e liso, atado num rabo de cavalo simples, negro como alcatrão,

contrasta com o lenço amarelo-fluorescente que tem amarrado, com o nó escondido na nuca. A Miúda Asiática usa somente a maquilhagem que foi obrigada a usar: riscos de *eyeliner* que alongam ainda mais os seus olhos, e uma mancha de batom cor-de-rosa brilhante.

Olha em seu redor quando rompe a linha de arvoredo e emerge num terreno aberto. Vê um homem que aguarda no centro do terreno.

Atrás do homem, do outro lado do terreno, o Força Aérea emerge à luz do Sol.

Para a sua seleção militar, os produtores queriam um clássico, e o homem que escolheram é exatamente isso: cabelo louro muito curto, brilhando ao sol, penetrantes olhos azuis, um queixo forte perpetuamente empinado. O Força Aérea veste calças de ganga e uma t-shirt de mangas compridas, mas caminha como se usasse um traje de cerimónia. A sua postura rígida fá-lo parecer mais alto que o seu metro e setenta. O seu lenço azul-marinho — um tom mais escuro que o azul oficial da Força Aérea — está preso com um nó em torno do cinto, na anca esquerda.

O Força Aérea será publicitado como piloto, mas a sua biografia incluirá uma cautelosa omissão. Não haverá qualquer menção ao que pilota. A maioria dos espetadores assumirá tratar-se de caças — exatamente o que é suposto assumirem. Mas o Força Aérea não é piloto de caças. Quando voa, transporta carga: tanques e munições, baterias e bobinas; revistas e barras de chocolate que encherão as prateleiras dos supermercados generosamente abertos pelos Estados Unidos para os seus militares no estrangeiro. É como um Pai Natal magro todo o ano, levando provisões. Numa organização em que os pilotos de caças são divindades e os bombeiros parecem pilotar o próprio Sol, o seu é um trabalho em grande medida ingrato.

O Força Aérea e a Miúda Asiática encontram-se no centro do terreno, cumprimentam-se com um aceno de cabeça e posicionam-se diante do homem que os aguarda. O apresentador.

Este não será apresentado enquanto não falar, e não falará até que os doze concorrentes estejam reunidos.

O Batedor desliza para fora do arvoredo, por trás do apresentador. O Rancheiro aparece de leste e, com ele, um ruivo alto, trintão, com um lenço verde-lima. Em breve surgem concorrentes de todos os lados. Uma mulher branca, perto dos 30, de cabelos claros e óculos, um lenço azul-celeste em volta do pulso. Um negro de meia-idade, um branco que mal saiu da adolescência, um asiático que poderia passar por menor de idade mas que tem, na verdade, 26 anos. Um branco trintão e uma hispânica cuja idade é irrelevante porque é suficientemente jovem e os seus seios são enormes e verdadeiros. Cada um tem um lenço de cor diferente visível no corpo. A última a aparecer é a Empregada de Mesa, que fica surpreendida por encontrar já tanta gente no terreno. Morde o lábio inferior e o Força Aérea sente um latejar de atração.

— Bem-vindos — diz o apresentador, uma celebridade insignificante que pretende ressuscitar a sua carreira. Ou, pelo menos, pagar a sua dívida de jogo. É indescritivelmente bonito, com olhos e cabelos castanhos. O seu nariz foi descrito em vários blogs proeminentes como «romano» e ele faz de conta que sabe o que isso quer dizer. O apresentador veste roupas desportivas e todas as imagens dele mostrarão a parte de cima do seu peito, onde exhibe um orgulhoso patrocínio.

— Bem-vindos — repete, em voz mais profunda e excessivamente masculina, e decide que, quando gravarem a verdadeira saudação, é esta a voz que usará. — Bem-vindos a *Os Bosques*.

Um zumbido suave chama a atenção dos concorrentes; o Força Aérea é o primeiro a virar-se. «C'um caralho», diz, um deslize invulgar e a primeira blasfémia alvo de censura. Os outros viram-se. Atrás do grupo, um drone de um metro e meio, com uma lente de câmara no centro, suspende-se ao nível dos seus olhos. É a deixa para mais uma série de heresias perplexas e um «Que fixe!» murmurado pela mulher de cabelos claros.

O drone afasta-se silenciosamente para o céu. Após alguns segundos está demasiado longe e silencioso; já mal o veem.

— Para onde foi? — pergunta a Empregada de Mesa muito baixinho. Quando ela termina a pergunta, Batedor é o único que ainda consegue distinguir o drone das nuvens e do céu.

— Um dos *muitos* olhos que vos vigiarão — informa ao grupo o apresentador. A sua voz é cheia de implicações, embora a verdade seja que há um único drone e, visto que os concorrentes passarão a maior parte do tempo sob as copas das árvores, será usado sobretudo para definir locais de filmagem.

— Começemos, pois — diz o apresentador. — Ao longo das próximas semanas, as vossas capacidades serão testadas e a vossa coragem será levada ao limite. Mas têm uma saída. Se um desafio for demasiado duro ou não suportarem mais uma noite atormentados por mosquitos, só têm de dizer «*Ad tenebras dedi*», para que tudo termine. Lembrem-se desta frase. É a vossa senha de saída. — Enquanto fala, entrega um cartão a cada um dos concorrentes. — A vossa *única senha de saída*. Apontámo-la para que cada um de vós possa memorizá-la. *Ad tenebras dedi*. Que isto fique claro: uma vez que a pronunciem, não é possível voltarem atrás.

— Qual é o significado? — pergunta o Rancheiro.

— Virá a perceber o seu significado — responde o apresentador.

O Doutor Negro é mais baixo e redondo que o Batedor, e tem uma barbicha. O seu lenço amarelo-mostarda cobre-lhe a cabeça. Uma das suas sobranceiras salpicada de branco ergue-se quando olha para o cartão. Depois, um depoimento em primeiro plano, com as árvores em fundo, um resquício de pêlos ásperos em volta da barbicha.

É latim, diz o futuro «eu» do Doutor Negro. À noite me rendo. Ou às trevas, não sei bem. É um tanto pretensioso para as circunstâncias, mas agrada-me que haja uma frase de segurança. É bom saber que existe uma possibilidade de saída. Faz uma pausa. Espero que ninguém se esqueça dela.

Em seguida, sentado numa cadeira de lona junto de uma fogueira diurna, o apresentador dirige-se aos espetadores.

— Os concorrentes não sabem tudo — diz ele em tom suave, com o queixo virado para baixo, convidando os espetadores a partilharem o seu segredo. A sua linguagem corporal transmite que, a partir deste momento, apresentador e público são cúmplices da mesma conspiração. — Sabem que ninguém é votado para sair, que isto é uma corrida. Ou, melhor, uma série de corridas, durante as quais eles acumulam vantagens e desvantagens. O que ignoram é que esta corrida não tem meta. — Inclina-se para a frente. — O jogo continuará até que se mantenha apenas uma pessoa, e a única forma de sair é por desistência.

Ninguém sabe quanto tempo o programa vai durar, nem os criadores, nem os concorrentes. Nos contratos diz, *não menos de cinco semanas e não mais de doze*, embora uma nota de rodapé em letras muito pequenas admita 16 semanas no caso de circunstâncias extremas.

— *Ad tenebras dedi* — diz o apresentador. — Não há outra saída. E, em relação a isto, os concorrentes estão verdadeiramente *Nas Trevas*.

Segue-se uma série de depoimentos, todos com elementos naturais como pano de fundo.

A Empregada de Mesa, que sabe que a sua única hipótese de se sair bem é vencer o Favorito dos Fãs:

A primeira coisa que farei se ganhar o milhão de dólares? Vou para a praia. Jamaica, Florida, sei lá, qualquer sítio mesmo agradável. Levo as melhores amigas e sento-me na praia o dia todo a beber cosmos e tudo o que houver na lista terminado em «-tini».

O Rancheiro, com um encolher de ombros franco:

Estou aqui pelo dinheiro. Não sei o que eles têm reservado para nós, mas não tenciono dizer estas palavras. Os meus filhos estão a tomar conta do rancho, mas quero que eles possam ir para a universidade e não posso pagar-lhes isso e ainda perdê-los como trabalhadores. É por isso que estou aqui, pelos meus filhos.

A mulher de cabelos claros, com os óculos castanhos. No vídeo da sua candidatura aparecia com um lagarto amarelo cheio de picos e o editor consegue ver nela mais do que o seu cabelo:

Sei que isto parece ridículo, afirma. Mas não estou aqui pelo dinheiro. Quer dizer, não diria que não a um milhão de dólares, mas tinha-me inscrito mesmo que não houvesse prémio. Tenho quase 30 anos, sou casada há três, está na hora de dar o próximo passo. A Zoo expira nervosamente. Filhos. Está na hora de ter filhos. Toda a gente que conheço com filhos diz que as coisas nunca mais voltam a ser iguais, que muda a nossa vida toda, que nunca mais temos tempo para nós. Estou preparada para isso, não me importo de ceder alguma da minha individualidade e, sim, da minha sanidade. Mas antes que isso aconteça, antes de trocar o meu nome pelo título de Mãe, quero uma última aventura. É por isso que estou aqui e é por isso que não desistirei, aconteça o que acontecer. Ergue o pedaço de papel com a frase de segurança e rasga-o ao meio. O ato é simbólico — ela sabe a frase de cor — mas não é menos sincero pelo dramatismo do gesto. *Então, diz ela, olhando para a câmara com uma intensidade matreira, um sorriso escondido por trás do rosto sério, Vamos a isso.*

«Indubitavelmente inteligente»

The Guardian

«De mestre»

Bookpage

«É impossível parar de ler.»

Booklist



«Oliva escrutina brilhantemente as narrativas em que acreditamos, e as cem últimas páginas vão deixar o leitor a perguntar-se do que Zoo será capaz para chegar a casa.»

Washington Post

«Uma estreia de superestrela alimentada por uma escrita íntima e inteligente, e por uma personagem feminina tridimensional e apaixonante.»

Publishers Weekly

«No seu romance de estreia, Oliva escreveu um livro que é brilhante no melhor dos sentidos: é capaz de acertar na cultura dos *reality shows* e na tradição distópica, mas sempre sem deixar que essa análise a impeça de contar uma boa história.»

Kirkus Reviews

«*Sobrevive* conjuga de forma perfeita duas das nossas obsessões contemporâneas: a ameaça de uma catástrofe global e o drama encenado dos *reality shows*. Uma estreia imparável e inteligente.»

Justin Cronin, autor de A Passagem

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-90-9



9 789898 800909

Literatura Traduzida